

Animação Cultural: olhar extra muros
Novas perspectivas para o mercado de trabalho no Brasil

Dr. Wilson Renato Heidenfelder de Carvalho Júnior

Pós-graduando

Dra. Edinalda Maria Almeida da Silva

Professora orientadora

Instituto Federal Fluminense de Educação,

Ciência e Tecnologia campus Campos / Centro - Brasil

Palavras - chave: Animação Cultural – Mercado de Trabalho – Mediação Cultural

Introdução

Resultado de quase cinco anos de pesquisa, o trabalho que ora apresentamos tem por objetivo propor novas reflexões relacionadas aos conceitos, práticas e dinâmicas que envolvem a participação da figura emblemática do animador cultural em terras brasileiras. Partindo do pressuposto de que a animação cultural tem por função primária a mediação dos bens culturais e, que esta não acontece sem a intervenção necessária junto às estruturas da sociedade a que ela se dispõe, os estudos apresentados neste propõem o rompimento com velhos paradigmas que interferem sensivelmente na compreensão do papel do animador cultural brasileiro.

Buscando uma interface entre a escola, o espaço público e as novas tecnologias em contraposição aos "fazimentos" deixados por Darcy Ribeiro, este documento intenciona ampliar o debate, tomando por escopo a diversidade cultural e as inúmeras possibilidades de intervenção por parte do animador cultural levando em conta as características que envolvem sua prática nos diferentes grupos de atuação social.

Escola, indústria cultural e animação cultural...

Ao se completar o quinto ano consecutivo de estudos sobre os conceitos, práticas e dinâmicas que envolvem a participação da figura do animador cultural brasileiro, verifica-se como base identitária para a sua atuação o ambiente escolar. Num período transitório e conturbado das relações políticas do Brasil pós-ditadura militar, suas ações que estiveram, entre as décadas de 20 e 60 do século passado, a serviço do controle social, disfarçado de atividades recreacionais para o entretenimento, o lazer e a melhoria da qualidade de vida da população brasileira, passaria, a partir da década 80, deste mesmo século, inevitavelmente, por novas e importantes mutações em sua identidade sociocultural.

Deste modo, suas funções antes relacionadas à recreação e confundidas com as do profissional de educação física tomariam novos caminhos e, estariam, assim, em busca de identidade própria e, sob as régias de novos conceitos capazes de responder, com mais assertividade, às necessidades atuais desta classe de trabalhadores da cultura.

Será necessária uma abordagem vanguardista deslocada do eixo tradicional regulador das políticas públicas educacionais do país, para que se possa propor novos olhares sobre o tema e, assim avançar rumos às novas perspectivas. Neste contexto, a escola deverá ser vista e entendida como mecanismo deflagrador de experiências na formação do indivíduo autônomo, capaz de resistir às investidas da indústria cultural e sua fórmula uniformizante das relações sociais.

Segundo TEZZARI, a escola só admite a liberdade do sempre igual, e a classifica como medíocre, pois na concepção do autor "*...o que realmente marca o ser humano é, na verdade, a quebra da repetição e, será justamente no imponderável, no imprevisível que se dá a liberdade humana*". Talvez seja neste ponto que resida o princípio básico conflitante entre a animação cultural e a escola.

O pesquisador português Bruno Calheiros define a animação cultural como:

"uma forma de educação não formal, aberta às necessidades da comunidade, cuja dinâmica participativa vai determinar de que maneira a interação social acontece, numa ação sociopedagógica que visa o despertar da razão e a tomada da consciência do indivíduo para as transformações sociais individuais, coletivas e nos conflitos de interesses".

A reificação do indivíduo patrocinado pela indústria cultural, que o

descaracteriza como sujeito próprio e o condiciona cada vez mais, à posição de objeto, é evidenciado na ausência de afeto nas relações sociais, não permitindo uma tomada de consciência do ser coletivo. Inevitavelmente, a escola será a grande responsável pela sua difusão, evidenciada na maneira como trata todo seu conteúdo programático, que como colcha de retalho fragmentada e desconexa, é imposta para ser decorada, sem qualquer possibilidade de reflexão. A escola ao se apropriar destes conteúdos, os retransmite sem permitir a novas perspectivas e novos olhares.

Numa tentativa de legitimar o escopo da indústria cultural, a escola acaba por reproduzir o mesmo modelo totalizante responsável pela homogeneização de hábitos, costumes, crenças e pensamentos da sociedade contemporânea. Será neste contexto que a animação cultural encontrará seu campo de batalha e, conseqüentemente, seus maiores desafios. Partindo do pressuposto de que a animação cultural tem por função primária a mediação dos bens culturais e, que esta não acontece sem a intervenção necessária junto às estruturas da sociedade a que ela se dispõe, é necessário que rompamos com os velhos preconceitos que ecoam ainda no país que concebem como função de animador cultural a caricatura de recreadores e festeiros de plantão, sempre descontextualizados da realidade.

A experiência de uma nova síntese educacional inaugurada com os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), nas décadas de 80 e 90, por Darcy Ribeiro, fracassa no momento de seu nascedouro quando a escola tradicional/tecnicista não reverbera seus conceitos pedagógicos e não permite a manutenção de suas práticas construtivistas.

Numa relação marcada pelas desigualdades sociais e manipulação da classe dominante (aqui se lê classe média) a escola pensada por Darcy não poderá ser permitida, pois ela só existe como possibilidade real de reequilibrar a balança, permitindo que o filho da pobreza tenha acesso à Educação, e Educação de qualidade.

Um movimento perigoso no tabuleiro de xadrez das relações sociais, onde os filhos do Brasil não se poderiam sentar a mesma mesa e participar do mesmo jogo. Xeque mate. Perdemos mais uma vez o bonde da história. Um hiato de quase três décadas entre a *escola darciliana* e as famigeradas cotas universitárias, estas existentes tão somente como ações compensatórias pela covardia que praticamos

num passado recente, condenando pelo menos duas gerações á marginalidade em todos os seus aspectos.

Tais relações só acontecem mediante a construção de esquemas simbólicos de pensamentos capazes de costurar e organizar a realidade de acordo com o jogo de interesses da classe dominante.

“o jogo do real como algo abstrato, a partir do momento em que o indivíduo preso as teias de pensamentos, recebe pressão externa do grupo que apresenta como ‘realidade’ somente aquilo que é socialmente aceito como real.” (Kurt Lewin)

Ou seja, a “realidade” não é absoluta, ela se diferencia muito de acordo com as relações sociais vivenciadas pelo indivíduo junto ao grupo de que participa.

A organização e valoração dos objetos simbólicos do real se dão a partir dos esquemas lingüísticos e intelectuais apontados por Whorf capazes de determinar o grau de importância a ser apreendido pelo indivíduo, que absorve estes esquemas, na maioria das vezes, de forma inconsciente. Elegemos a escola como ferramenta operacional de interpretação destes símbolos e, damos a ela o poder de classificar o universo das obras filosóficas, literárias e artísticas culturais a serem assim apresentadas.

Para Bourdieu a escola não cumpre apenas a função de consagrar a “distinção” entre os signos e seus significados, do que ele denomina como “classes cultivadas”. No seu entendimento, a cultura que a escola transmite tem o poder de separar os que a recebem do restante da sociedade, a partir de um conjunto de diferenças sistemáticas, determinando os conceitos de cultura, cultura erudita, cultura popular e cultura de massa.

A cidade, o espaço público, os bens culturais e a cidadania...

Decorrentes das micros-revoluções deflagradas pelo pós-modernismo (migração das comunidades rurais para os centros urbanos e industriais principalmente) as cidades sofreram com o colapso e inchaço das zonas periféricas traduzidos nas formações desordenadas de comunidades, alterando definitivamente seu mapa geográfico, político e social. Desta maneira como compreender a relação do cidadão com a cidade na atualidade? Como pensar a cidade de hoje, enquanto diversidade de espaços de lazer e entretenimento? Poderá o animador cultural servir

como agente mediador capaz de criar condições para que a cidade possa ser mais inclusiva e conseqüentemente possibilitar o processo e a busca por uma sociedade mais justa?

Com esses questionamentos Victor Melo¹ abre caminhos para uma discussão sobre a responsabilidade de se (re)pensar criticamente as estruturas das cidades do pós-modernismo, capaz de responder aos anseios do cidadão, independente da classe social a que pertença, proporcionado, assim, a sua inclusão sociopolítica e cultural. Questiona o papel do animador cultural e seu poder de mediação, capaz de aproximar tais realidades e propiciar um reequilíbrio destas forças antagônicas, todavia importantes, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Porém, a visão que se tem é de cidades esquecidas e esvaziadas pela esfera pública, um profundo desgaste do tecido urbano, com uma decomposição das relações sociais e imersa numa crise de valores atroz, declara Victor Melo. Nesta sensação de desfragmentação do tecido urbano, a tendência será sempre de supervalorizar o aspecto econômico em detrimento de outros valores da convivência social.

No imaginário da população, reside uma hierarquização das necessidades em que saúde, educação e trabalho são entendidos como fundamentais para a "sobrevivência" e irão ocupar um espaço de maior importância ficando, assim, relegadas a um segundo plano, tendo suas necessidades correlacionadas ao lazer, bem estar e cultura, compreendidas como aspectos que deverão ser contemplados em outros momentos, quando os artigos definidos como de primeira necessidade forem atendidos.

Outro aspecto que se deve levar em consideração reside exatamente no impacto que as crises econômicas exercem sobre o tecido social e suas vivências em comunidades (aqui se lê cidades). Estes desgastes inevitavelmente irão refletir, sobremaneira, nos momentos de lazer e entretenimento da população. Vale lembrar que no passado, nas ocasiões de momentos livres entre os trabalhadores, estas ações foram importantes no forjamento de valores positivos.

Nos grandes centros urbanos, estes momentos de lazer promovidos pelas associações e clubes de serviços revelaram-se ferramentas importantes no

¹ Melo, Victor Andrade de. "A Cidade, o cidadão, o lazer e a Animação Cultural – Seção Artigos, 2003.

processo de manutenção da autoconsciência do social e do coletivo, a exemplo também das salas de cinema e clubes de bairros. Hoje, o que se observa nos grandes centros urbanos é o desmantelamento das estruturas públicas de lazer e a falência de clubes de serviço nos bairros que, até a década de 1980, era comum encontrar em atividades e proporcionando a integração, lazer e convívio social.

Tecnologia e medição: a privatização das relações

Outro fator desagregador com relação ao espaço público de lazer e seu declínio está diretamente relacionado às questões tecnológicas que têm seu início na década 1970, com a privatização das convivências sociais do cotidiano, restringindo a pessoa, cada vez mais, aos espaços privativos e domésticos. Ontem a televisão e o vídeo cassete; hoje a televisão e o aparelho de DVD. Porém, será no Século XXI que estas relações sofrerão com o que chamamos de *Síndrome Aguda do Isolamento Social* (grifo meu), cujos efeitos são observados a partir das mudanças comportamentais sob a influência dos novos modelos de endereçamento patrocinados pela WWW².

A teia globalizada e globalizante justificada pela Internet inaugura uma nova onda: a virtualidade das relações sociais. Mais uma vez o espaço público e com ele toda possibilidade das relações interpessoais são substituídos pelos amigos virtuais espalhados na rede, conectados aos seus MSNs, Orkuts, Blogs e Twitters que passam a assumir o papel de mediadores sociais da contemporaneidade.

Não se deve com isso deixar de reconhecer o papel da tecnologia enquanto ferramenta decisiva de sustentabilidade e disseminação da cultura de massa, utilizado muitas vezes e sendo confundido com o consumo passivo de megaeventos distribuídos e oferecidos a partir de um modelo global preconcebido.

Victor Melo (2003) aponta como principal causa desta realidade de desmantelamento das ações públicas com relação aos espaços de lazer e entretenimento a negligência para com a grande parte da população que não participa das oportunidades de acesso aos bens culturais da cidade e dá como exemplo o fato de as praças e espaços públicos de lazer mais belos e bem cuidados estarem localizados nos bairros mais abastados. Aponta para casos de maior

² Word Wide Web.

gravidade deste processo quando a privatização destes bens culturais é operacionalizada, a partir da cobrança de entrada nestes espaços, a exemplo do que acontece com o Corcovado e o Pão de Açúcar (na cidade do Rio de Janeiro/Brasil) e suas taxas elevadas, que não propiciam para a maioria da população o acesso a estes locais.

Mas o problema não está situado na questão somente da má distribuição geográfica destes bens culturais. Para Victor Melo (2004) a problemática tem sua origem principal nas questões inerentes ao processo de educação e de vontade política voltados para o desenvolvimento cultural que reconheça em sua população o agente mediador deste processo desenvolvimentista.

Isso não quer dizer que as camadas mais abastadas da sociedade não tenham problemas em acessar tais bens culturais, mas com certeza estes possuem mecanismos facilitadores para resolvê-los. Também não significa que as camadas populares não tenham espaços alternativos para que sua produção cultural se estabeleça.

As reflexões aqui estabelecidas querem propor um espaço democrático e aberto para o debate, capaz de envolver, dar ânimo, fazer vibrar a alma de gestores públicos, mediadores culturais e do próprio cidadão sobre a urgência em se (re)pensar os modelos hoje estabelecidos como funcionais. Modelos capazes de responder positivamente á dinâmica estruturante da geografia social, política e cultural, dos seus equipamentos, bens culturais e, principalmente com relação ao acesso igualitário do tecido social á própria cidade, no momento em que se reconheça no profissional de animação cultural este agente cujas ações ultrapassem os limites dos muros escolares e consigam ganhar outros campos de batalha.

Se historicamente o animador cultural brasileiro teve sua identidade inter-relacionada com a pedagogia escolar, deverá, a exemplo dos animadores socioculturais europeus, demarcar seus espaços em outros segmentos da sociedade contemporânea, uma ação coordenada, planejada e apoiada em formação qualificada para animadores em atividades em todo o território brasileiro.

O Animador Cultural

Talvez não nos caiba traçar o que seria o perfil do animador cultural,

exatamente por conta de todas as suas especificidades, porém, sua atuação exige alguns atributos necessários á sua prática. Estar animado, antes mesmo de pretender animar qualquer ambiente em que se encontra, revela Cavalcanti (2007), deverá ser primordial. Estar entusiasmado com o que a vida lhe oferece. Ter autoconfiança, agir com empatia e simplicidade junto ao grupo a que pertence. Pensar globalmente, mas agir localmente aproximando pessoas, convivências e histórias. Valorizar a cultura do indivíduo e conduzi-lo à participação coletiva na sociedade. Propor sempre um diálogo aberto, fraterno e consciencioso, não predeterminar caminhos a serem seguidos, mas, conduzir com habilidade, dinamismo e clareza de objetivos aqueles que necessitam de sua atuação. Também precisa ser um mediador/catalisador capaz de intervir, de antecipar, de tomar a iniciativa em favor do grupo. Como agente problematizador ter sempre aguçado o senso crítico e despertar no grupo esse sentimento. Promover a participação coletiva e individual do sujeito no estado democrático. É, imprescindível estar sempre plugado a realidade do grupo, contextualizando sua participação, ouvindo seus apontamentos e necessidades. Descobrir talentos, facilitar acesso e otimizar recursos em favor do grupo e, assim, ultrapassar os limites dos muros, ampliar o tráfego nesta "ponte com via de mão dupla" sinalizada pelo professor e antropólogo Darcy Ribeiro ao falar da importância da participação da animação cultural na vida social, seja ela na escola, ou em qualquer outro espaço onde haja gente/humano.

Mas, sobretudo acreditar. Não há prática de animação cultural por parte daqueles que não acreditem em uma proposta e gostem de atuar como animadores culturais, pois seu trabalho será sempre reflexo de seus valores, conceitos e atributos mais íntimos. Não haverá transformação do grupo, se esta não refletir a transformação do agente incentivador, o animador cultural.

Do outro lado do muro

Durante as últimas três décadas, a escola tem sido o espaço de atuação do animador cultural brasileiro, mais precisamente no Estado do Rio de Janeiro onde sua proposta de trabalho esteve presente no Programa Especial de Educação, idealizado pelo professor Darcy Ribeiro e sua equipe quando da criação dos Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs.

Mas, há notícias de que a nomenclatura de animador cultural já havia sido utilizada anteriormente por outros grupos de trabalhadores da cultura, a exemplo do maestro Villa Lobos, do arquiteto Oscar Niemayer e do sambista e compositor Negoinho da Beija Flor.

Decerto estes quase trinta anos de atividades da animação cultural na escola não foram suficientes para vencer as barreiras metodológicas criadas pelos modelos educacionais operacionalizados no Brasil, denunciados aos quatro cantos do país pelo professor Darcy ao considerar: *"um dos grandes fracassos do Brasil, como povo e como civilização, ser nossa incapacidade de criarmos uma Escola Pública honesta e eficiente."* Esta denúncia baseia-se na observação clara de as propostas pedagógicas da Escola Pública brasileira estarem a serviço de um grupo privilegiado da sociedade, não sendo capazes de reconhecer como alunado verdadeiro a maioria das crianças do Brasil, uma escola injusta, sentencia Darcy Ribeiro.

A escola continua aquartelada, quase que intransponível para aqueles que desejam e sonham com uma outra nova escola, verdadeiramente comprometida com o povo e com o seu futuro. O discurso tem caminhado distante da prática pedagógica, quando ao considerar a escola como sendo "minha", alunos e professores como "meus", enfim ao tomarem "posse" desta escola, não permitem que outros ajudem a construí-la de maneira a servir com igualdade, liberdade e fraternidade.

Não há que se abandonar a escola, mas talvez seja necessário mudar a estratégia para que algo de novo realmente aconteça. Olhar por cima do muro, pois se a revolução não foi capaz de acontecer no interior da escola, talvez seja a hora de deflagrá-la de fora para dentro. Na prática, seria a manutenção de grupos de animadores culturais resistentes no interior da escola, ao mesmo tempo em que se ampliaria a atuação destes em outros espaços, também propícios ao labor da animação cultural. Novas frentes, sob novas possibilidades de construção sociocultural.

E o campo é vasto, repleto de possibilidades cuja carência é tanto quanto a que existe no interior da escola. Assim, a prática de animação cultural se estenderia verticalmente por setores da saúde, da promoção e assistência social e da vida, da cultura, das organizações não governamentais, setores da iniciativa privada e comunitária, atuando entre trabalhadores, adolescentes e crianças em situação de

risco, idosos, clubes sociais e de serviço. Na prática muito disso já acontece. Decerto o que falta é a tomada de consciência por parte de quem contrata e de quem atua como animador cultural no sentido de reconhecer tais práticas como próprias do animador cultural. Trata-se de educação não formal tomando corpo e atingindo, sensivelmente, o estrato social considerando outras vias de atuação.

Outro aspecto relevante reside na formação do profissional em animação cultural, ou melhor, na não-formação deste profissional, visto que não há no Brasil cursos técnicos ou de graduação na área, a exemplo do que já acontece em países europeus. Na década de 80, a iniciativa de Darcy Ribeiro ao integrar o animador cultural dos CIEPs, queria contar tão somente com os menestréis, cordelistas, sambistas, artistas práticos sem os "vícios" da sala de aula, sem a "contaminação" das pedagogias uniformizantes.

Mas, em pleno século XXI, quando o conhecimento, a formação e a informação passaram a fazer parte importante da integração social e cultural do homem contemporâneo torna-se necessário e urgente o preparo deste animador. Como forma de fortalecer ainda mais sua prática, o estudo continuado envolvendo os conceitos da sociologia, da antropologia, da história, dos estudos culturais e mesmo da pedagogia passam a figurar como ferramenta importante em sua formação profissional. É hora de olhar extra muros.

Considerações finais

Há, por parte de alguns gestores públicos em animação cultural no Brasil, resistência com relação ao entendimento e aceitação dos conceitos apresentados neste ensaio, porém justificado, visto que sua compreensão denotaria um esforço maior por parte destes no sentido de estudar com mais profundidade suas bases teóricas. Associado a esta necessidade de estudo continuado reside o sentimento do animador-prático, que atua sem o devido planejamento ou sem o alinhamento de objetivos claros a serem alcançados com suas atividades, gerando, muitas vezes, a compreensão equivocada por parte daqueles que estão em seu entorno.

Com raras exceções, e de maneira isolada, alguns animadores brasileiros, mesmo que inconscientemente acabam por colar em prática junto aos seus grupos de interesse projetos que reverberam esses conceitos. Animam, fazem vibrar a alma

de seus integrantes e despertam neles um sentimento de pertencimento por atividades que poderão vir a se tornar parte constante de suas vidas.

A tendência é de que mais e mais grupos de animadores culturais sejam aproximados a estes conceitos e, que a partir deles, possam vir a auxiliar na descoberta do que Orlando Garcia (2003) sugere ser a vocação da animação cultural: “*Animação Sociocultural sempre teve e vai continuar a ter esta vocação pluri, multi, extensiva, adaptativa aos meandros, meandros cada vez mais e mais diversificados...*” Ou seja, sua prática nunca dissociada de suas teorias será sempre plural, multicultural e extensiva a todos os setores sensíveis a sua atuação, de maneira a respeitar a diversidade e necessidade de cada grupo social onde atue.

Nesta perspectiva, caberá a cada um que integra as frentes de atuação, em favor da democratização dos conceitos e práticas da animação cultural no Brasil, um desdobramento ainda maior nos esforços para que suas bases ideológicas sejam disseminadas para os diferentes setores da sociedade brasileira.

Já não caberá, num futuro bem próximo, a atuação do profissional em animação cultural sem que esta esteja preparada e reconhecida enquanto ferramenta tecnológica em favor da sociedade brasileira e, sem que este profissional resignifique sua atuação, a partir da necessidade de apreensão de conhecimentos teóricos que justifiquem e dêem sustentação a sua *praxis*. Este processo só será possível no momento em que prática e teoria passerem a integrar as matrizes curriculares em discussão na academia brasileira, a exemplo do que já acontece em países da Europa, onde existem cursos técnicos e mesmo licenciaturas em animação cultural. Uma boa, difícil, mas importante empreitada.

Referência bibliográfica:

CALHEIROS, Bruno Miguel M Trindade. Análise Crítica do Texto: “Animação Comunitária – O que é? Como se faz? Quem faz? Revista “Práticas de Animação” Ano 3, no. 2 – outubro de 2009.

GARCIA, Orlando. (1980): Relatório do Seminário a Cultura na Gestão Autárquica, Lisboa, SISMET. (texto poicopiado)

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. A Contribuição dos Estudos Culturais para pensar a animação cultural – conferência proferida no V. Seminário Lazer em Debate, Rio

de Janeiro, 2004.

MELO, Victor de Andrade de. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. Movimento, Porto Alegre, ano VII, n. 14, p. 9-19, 2000/1.

MELO, Victor de Andrade de. Educação Estética e Animação Cultural: Reflexões. Licere. Belo Horizonte. 2002^a.

MELO, Victor de Andrade de. A Animação Cultural no Brasil: Um panorama – trabalho enviado para seção "Artigos" – 2003.

MELO, Victor de Andrade de. A Cidade, O Cidadão, o Lazer e a Animação Cultural – enviado para seção "Artigos" – 2003.

ONFRAY, Michel. A política do rebelde: tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

PEREIRA, Carlos Augusto Santana. Currículo e Animação Cultural: compreendendo a educação como Bildung – enviado para seção "Artigo". 2004

RIBEIRO, Darcy. O livro dos Cieps. Rio de Janeiro: Ed. Bloch S/a. 1986.

SOUZA, Marcelino Lopes. O Futuro da Animação Sociocultural. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo 2^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Convite à estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Dados do Autor

Jornalista. Animador Cultural; Pós-graduado pelo Curso de Pós-graduação e Extensão em Arte e Cultura com Enfoque em Psicopedagogia pelo Instituto Superior de Educação do Censa – ISECENSA (2005); Pós graduando em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense de Educação, Ciência e Tecnologia – campus Campos/ Centro (Brasil) (2010); Presidente-fundador do Centro de Estudos em Animação Cultural Darcy Ribeiro – CEACDARCY (2008/2012); Coordenador do Grupo de Estudos em Animação Cultural do Pólo Regional Arte na Escola da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy

Ribeiro – UENF/Brasil (2006/2010). Currículo Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/1157800689474710>